

A língua ttk como resistência negra no cenário comunicacional¹

Ruana Mirele dos Santos Pereira Costa²

Maria Clara de Oliveira Silva³

Vanessa dos Santos Ramos⁴

Márcia Guena dos Santos⁵

Universidade do Estado da Bahia, BA

RESUMO

No cenário ditatorial (1964-1985), pela qual passava o Brasil, surgia como alternativa para driblar a censura da época, a língua TTK (também chamada de gualín). Na variante linguística, os falantes trocavam a ordem silábica das palavras para a construção textual. Embasando-se no mencionado contexto e no estudo de teóricos como Maldonado-Torres (2018), Silvio Almeida (2019), Diana Barros (2005) e John Austin (1990), o presente artigo tem por objetivo analisar a música Gonê do rapper Filipe Ret, escrita na língua TTK. Foi possível aferir a partir da análise que o uso do dialeto representa uma intervenção decolonial das populações negras no combate a lógica da colonialidade e seus resultados materiais, epistêmicos e simbólicos.

PALAVRAS-CHAVE: análise do discurso; comunicação e cultura; resistência negra; língua; ttk;

INTRODUÇÃO

Revisitar as entrelinhas da história é perceber que o passado estrutura-se em um conjunto de lutas e resistências que delineiam o nosso cenário presente. Nessa conjuntura de conflagrações, alguns poucos acontecimentos ganham as páginas e escritos oficiais como força narrativa do que seria a verdade, e outros tantos são invisibilizados no decorrer do nosso transcurso histórico (NASCIMENTO, 2008).

Tendo como pano de fundo os tempos ditatoriais, pela qual passava o Brasil, entre 1964 e 1985, a conjuntura nacional proclamava o então mito da democracia racial e a negação

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023

² Bacharelada em Jornalismo em Múltiplos Meios (UNEB), email: ruanamirelejornalismo@gmail.com

³ Bacharelada em Jornalismo em Múltiplos Meios (UNEB), email: mariaclarajua2015@outlook.com

⁴ Bacharelada em Jornalismo em Múltiplos Meios (UNEB), email: vanessaramoscorporativo@gmail.com

⁵ Orientadora deste artigo, professora do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Juazeiro e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Cultural e Territórios Semiáridos (PPGESA), email: marciaguena@gmail.com

truculenta da existência do racismo, sob a égide de ataques no campo da cultura, moral e uma forte vigilância exercida em todos os campos da vida social (SANTOS, 2014). Nesse contexto, a cidade do Rio de Janeiro, despontava como uma importante representação no imaginário sociopolítico brasileiro, ainda que, desde 1960, no governo de Juscelino Kubitschek, a capital do país tivesse sido transferida para Brasília.

No município carioca, e mais precisamente no Catete - antiga residência oficial dos presidentes republicanos -, circundado pelas comunidades de Santo Amaro e Tavares Bastos, surgia nas vielas e avenidas, um bairro político e cultural, que fez oposição às duras imposições experienciadas no regime militar. Como alternativa para driblar a censura da época, registrou-se a adoção da língua TTK (também chamado de gualín - língua, e xarpi, pichar). Na variante linguística, os falantes trocavam a ordem silábica das palavras para a construção textual, fazendo com que substantivos, adjetivos e verbos sofressem inversão.

O fenômeno apresenta similaridade na França, sendo chamado de Verlan (femme (“mulher”, pronunciada fãmm) >> [ˈmɛ̃fɛ]; fête (“festa”, fêt(a)) >> [ˈtɛuf]) e no Peru, conhecido como “Vesre” (marido >> [do.ˈri.ma]; playa >> [ˈja.pla]). Como o Verlan e o Vesre, o TTK é uma espécie de argot, uma vez que constitui forma de linguagem usada por um grupo de pessoas que partilham características comuns, como profissão, procedência ou mesmo identificação ideológica.

Muitas vezes, argots se convertem em instrumentos para evitar que as mensagens sejam entendidas por indivíduos estranhos ao grupo. Isso acontece, por exemplo, na fala de grupos marginalizados, em que o segredo é extremamente necessário, em função do grau de marginalização social das práticas. (VITAL, 2020, p.6)

A língua, nesse aspecto, além de se constituir como um recurso de comunicação, também simbolizava um processo de formação identitária e de pertencimento aos chamados grupos revolucionários que lutavam contra a ditadura. Nesses coletivos, e especificamente dentro das comunidades periféricas, potencialmente composta por pessoas negras (COSTA; AZEVEDO, 2016), a Gualín do TTK passou então, de um aparato censurado, para um símbolo de resistência emblemático. Tanto se constituiu sob essa representação, que ainda nos dias de hoje a língua copta adeptos.

METODOLOGIA

Como metodologia empregamos a análise de discurso proposta por Diana Luz Pessoa Barros (2005), em sua “Teoria Semiótica do texto”. Nela, a autora perfaz um estudo da sintaxe discursiva ao descrever de que forma a semiótica constrói os significados do texto sob a forma de um percurso gerativo de sentido. Dessa maneira, considera-se o sujeito da enunciação, como

um agente que faz uma série de escolhas na narrativa, de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e “conta” ou passa a mensagem, transformando-a em discurso.

Elaboramos, concomitante a isso, um estudo de contexto por meio de uma pesquisa quantitativa das expressões mais utilizadas numa determinada locução narrativa. Através dessa inspeção, inferimos os atos da fala elaborados pelo linguista John Austin (1990), sendo eles, os atos locutórios, que correspondem ao ato de pronunciar um enunciado; atos ilocutórios, onde o locutor emite um enunciado em certas condições comunicativas e com certas intenções; e atos perlocutórios, pela qual se analisa os efeitos que um dado ato ilocutório produz naquele que recebe a mensagem.

GONÊ: MAIS UMA CANÇÃO DE RESISTÊNCIA

Na música *Gonê* – escrita no ano de 2019 em TTK -, de autoria do cantor carioca Filipe Ret, observamos por exemplo, a inferência de um contexto em que o fator racial ainda implica uma “tentativa de desarticular um grupo humano por meio da negação de sua própria existência e de sua personalidade coletiva” (NASCIMENTO, 2008, p. 30), explícito na naturalização da pobreza, baixos índices educacionais, e um futuro predestinado de exclusão para os indivíduos de pele negra. Na canção – produto da enunciação -, os sessenta versos traduzidos, expõem uma conjuntura de violência e de desejo pela ostentação como forma de validação das populações negras numa sociedade que pretende o lucro, vide as estrofes:

*Gomia jaeste com usDe
Osrivá serem foisma doque doce
Doquan ráse eu?
Cofi dosanpen se o ucé for gale me bacere
Com o dever o do noneve
Tô com navra e derpo
Mas tomui gomia tá docanfi colou
Dorenmor por copou, sãopresde, gadro
Jeho isma mau mãe vai rarcho, vopo nhoziso*

Que traduzidas significam: *Amigo esteja com Deus, vários se foram mais do que cedo, quando será eu? fico pensando se o céu for legal me receba com o verde, o do veneno, tô com*

grana e poder, mas muito amigo tá ficando louco, morrendo por pouco, depressão, droga, cadeia, hoje mais uma mãe vai chorar, povo sozinho.

A tônica crítica se segue na composição, com as palavras *nego* e *vida* sendo repetidas treze vezes, dando caráter enfático a uma situação discursiva: O sujeito da enunciação – cantor –, faz uma série de “escolhas”, de pessoas (negras e de periferia), de tempo (presente), de espaço (comunidades periféricas), e “conta” ou passa a narrativa, transformando-a em um discurso que alude a uma sociedade em que o racismo se deixa confundir junto às estruturas políticas, econômicas e sociais (BARROS, 2005).

Há, nesse sentido, um conjunto de sons articulados para a produção de entendimento atribuído aos falantes da língua TTK, no que seriam os atos locutórios; uma conjuntura narrativa articulada a situação social, associando o discurso a exemplos – atos ilocutórios –, haja vista a estrofe: *Mas como ser feliz? vendo o povo na merda mais uma vez, brasil sem jeito, revoltante;* e atos perlocutórios onde a canção aponta para o racismo e papéis desempenhados a partir da cor de pele e condição financeira: *eu ando tipo bandido mermo, sempre ligado em que tá chegando, solta o preso, de boné pro lado, pra ficar no topo tem que pagar o preço.*

Contempla-se ainda, até o final da canção a reiteração constante da expressão *Vida que segue nego*, demonstrando a personalidade do enunciador, revelada por meio da enunciação, de que as populações negras provenientes de tais comunidades, se adaptam forçadamente a essa rotina de disparidades. Utilizando o gualín TTK, foi possibilitado a esses sujeitos, a viabilidade de expressão em um contexto que lhe tolheu o poder de fala. Nos dialetos das comunidades periféricas, nas letras das canções de rap, observa-se a tecitura de críticas à condição dos negros na sociedade dita moderna.

Seria o que Madonaldo-Torres (2018) nomeia de uma atitude decolonial, em que o colonizado “emerge como um pensador, um criador e um ativista a fim de construir um novo mundo onde outros mundos também sejam possíveis” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 20). Há nesse sentido, de acordo com Nascimento (2008), um apagamento da história sobre as civilizações negras, desconsiderando todas as suas esferas culturais, tecnológicas e políticas.

Tendo como principal consequência para a sociedade atual a falta de aceitação social com movimentos culturais realizados pela população negra. Aconteceu não somente com a Gualín do TTK, mas com outras manifestações culturais negras, vide a intolerância religiosa aos terreiros de Candomblé, a criminalização da capoeira nos anos de 1890 e do samba no início do século XX (AZEVEDO, 2018), e tantos outros exemplos de um entorno coletivo que não aprendeu a reconhecer suas desigualdades e práticas discriminatórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse esforço de análise, o presente trabalho teve como finalidade corroborar mediante análise semiótica do discurso proposta por Barros (2005), a maneira pela qual o dialeto Gualín do TTK e sua utilização na composição *Gône* do rapper Felipe Ret apresentam características de uma intervenção decolonial da realidade. De acordo com o proposto por Maldonado-Torres (2018), a decolonialidade refere-se ao combate a lógica da colonialidade e seus resultados materiais, epistêmicos e simbólicos.

O Rap, desde seu surgimento, nos anos 70 nas periferias de Nova York, foi um movimento latino, negro, composto por um discurso de resistência contra a opressão social e o preconceito (REIS, 2007), e na linguagem do TTK não é diferente. Nos versos de Ret, podemos experimentar a conjuntura e cotidiano de jovens negros de periferia que estimam ascensão social, frente a um contexto adverso, ou seja, são agentes de mudança social no meio em que estão imersos.

Ao retratar na sua letra uma narrativa com personagens de baixa renda, moradores de favelas que evidenciam injustiças e preconceitos étnico/raciais, as letras de rap e do TTK demonstram a formação discursiva de uma classe socialmente oprimida. No entanto, mais do que isso, afirma que esses personagens formados à margem da colonização e do racismo estrutural são formadores de sua própria realidade, agentes de mudança social e seres atuantes na decolonização de uma sociedade que ainda enxerga a língua TTK e outras manifestações negras como imperceptíveis.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J.L. (1990). **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas (Título original: How to do things with words. Cambridge: Harvard University Press, 1962).

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p

AZEVEDO, A. M. **Samba: um ritmo negro de resistência**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, [S. l.], n. 70, p. 44-58, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i70p44-58. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/149632>. Acesso em: 15 fev. 2023.

BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria Semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005

COSTA, Duane Brasil; AZEVEDO, Uly de Castro. Das Senzalas às Favelas: Por onde vive a população negra brasileira. **Socializando**, 2016, p. 145-154

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Análítica da colonialidade e da decolonialidade**: algumas dimensões básicas. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018, p. 31-61

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **A matriz Africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008

OLIVEIRA, Natanael. Gualín do TTK: conheça a língua criada em bairro do RJ com estrutura própria. **CNN Brasil**. São Paulo, 30 jan. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/gualin-do-ttk-conheca-a-lingua-criada-em-bairro-do-rj-com-estrutura-propria/>. Acesso em: 10 fev. 2023

REIS, Soraya Mira. **O RAP na mídia**: discurso de resistência? Tese (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade Ciências Sociais e Letras, Pedagogia e Serviço Social, Universidade de Taubaté. São Paulo, p. 75. 2007.

RET, Filipe. **Gonê**. Rio de Janeiro: Som Livre, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qI6FE-9n2c0>

SANTOS, Márcia Guena dos. **Afro-brasileños en lucha** : historias de la resistencia negra a la dictadura militar en Brasil, (1964-1985). 2014. Tese (Doutorado) – Curso de Geografia e História – Departamento de História da América I, Universidad Complutense de Madrid, Madri, 2014.

VITAL, Felipe da Silva. **Uma análise otimalista da morfoprosódia da “linguagem TTK”**. Rio de Janeiro, 2020, 35 p